

Nacionalismo é drama moral do século XX

— afirma antropólogo espanhol em Viana do Castelo

David Rodrigues

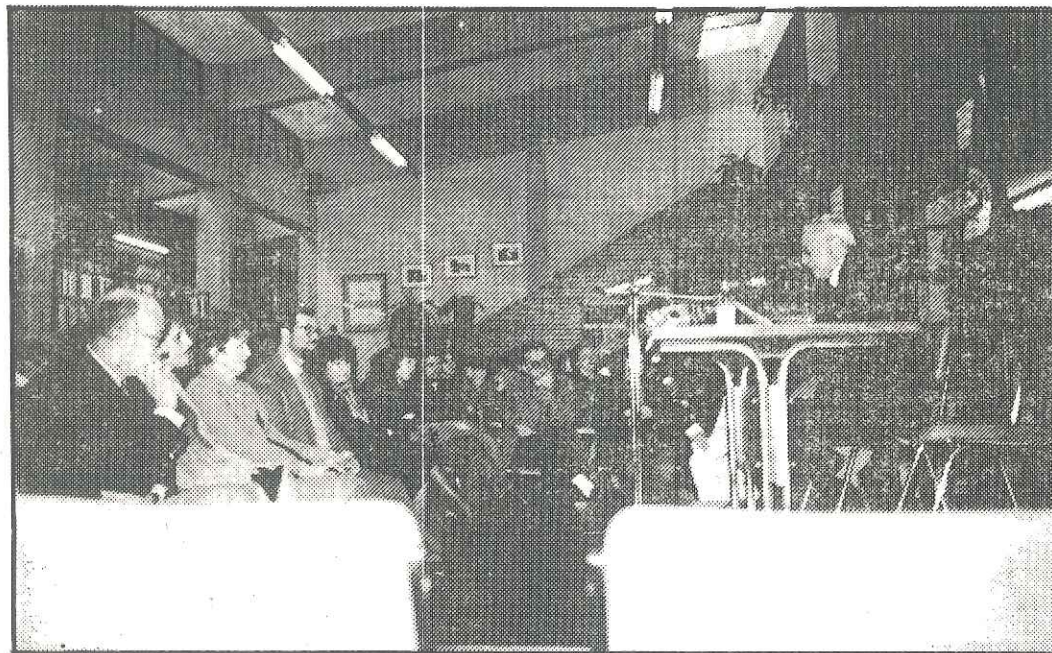
Correspondente em Viana do Castelo

«O que caracteriza o nosso século, numa perspectiva antropológico-cultural, é a explosão do nacionalismo», afirmou Carmelo Lisón Tolosana, director do Departamento de Antropologia Social da Universidade Complutense de Madrid, numa conferência proferida recentemente em Viana do Castelo.

O ANTROPÓLOGO espanhol falava na Escola Superior de Educação daquela cidade miúda, dedicando a sua conferência (intitulada «Antropologia do Estranho») a «todos os marinheiros, exploradores e missionários portugueses, que, nos séculos XV e XVI, tanto contribuíram para a aproximação do 'outro', para o estudo de outras culturas, para o conhecimento da humanidade, para a quebra de fronteiras».

Desenvolvendo este tema, o investigador madrileno referiu um vasto e alargado rol de situações, «concretas e actuais», que, nos quatro cantos do Globo, mostram que, entre mortes e sangue, «o nacionalismo é o drama moral do nosso tempo».

«Não há energias tão activas e de consequências tão globais», afirmou o antropólogo, «como as de reactivação da consciência de nacionalidade».



Carmelo Lisón Tolosana, quando proferia a sua conferência na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, a convite do Instituto Politécnico daquela cidade

Para exemplificar, analisou a situação dos povos palestino, eritreu, judeu, tâmil, tibetano, sik, arménio, basco e muitos outros, que, apesar de por vezes entre si se odiarem e se matarem, lutam sempre pela defesa da sua própria identidade cultural, pelo direito a um território e a uma nação. «O sentimento nacionalista encontra-se, por isso, aliado também ao sentimento independentista.»

O que se passa, neste âmbito, em alguns países do mundo, nomeadamente em África, levou Lisón Tolosana a afirmar que este continente se converteu

«num terrível e fascinante laboratório» para análises da complexidade antropológica do «estranho».

Para o antropólogo espanhol, o «estranho» é o «outro», na sua individualidade cultural, independentemente das «fronteiras, partidos, ideologias, seitas, estados, ditaduras, democracias, tempos e geografias». É uma entidade dialéctica, «porque só tem existência e sentido frente e contra o outro»; mas também ambivalente, «porque se, por um lado, atrai, por outro, repele e afasta».

Raro e desconhecido, não tem categoria nem vida social com *status* indefinido: «fala outra língua, mora noutra território, obedece a outras leis, pratica outros costumes». Outrora, era o bruxo, o espião, o vampiro, o louco, «alguém que trazia a doença, a peste e a guerra», não lhe sendo permitida a entrada nos lugares sagrados nem na cidade. Hoje, colocam-no de quarentena, obrigam-no a rituais de purificação: «é o homossexual, a prostituta, o drogado, que nos infectam com a peste da Sida».

O «estranho», explicou ainda

Tolosana, apresenta também uma face positiva. O *Estrangeiro*, de Camus, lembrou, surgiu para «quebrar as fronteiras da civilização e transformar-se em salvador da humanidade e da sua condição», precisamente porque era «estranho e marginal».

«Os deuses servem-se da figura do estrangeiro para imporem certos princípios e revelarem certas verdades.» O estrangeiro aparece então como «alguém que sabe», que representa outro «hierarquicamente superior». Ainda que misterioso, e talvez por isso, é extraordinário e, daí, ser tomado como «símbolo do sagrado e do sobrenatural».

Em resumo, o antropólogo espanhol quis mostrar que, por um lado, «toda a Nação-Estado actual encobre um pouco a sua unificação e a sua identidade étnico-cultural», sobretudo quando se trata de um Estado «homogeneizante», cujas raízes são «historicamente repressivas», e, por outro lado, que as nossas relações com o «outro» são «expectantes e duvidosas», podendo ir da «cordialidade hospitaleira» à «violência aniquiladora».

«O fenómeno do 'estranho', concluiu Carmelo Lisón Tolosana, «é algo fascinante»: símbolo cultural, embora, de todos os tempos e lugares, tornou-se, hoje «um dos problemas fundamentais do nosso tempo» e, para muitos antropólogos, «a primeira realidade do século XX».